

A CLÍNICA DA SIGNIFICAÇÃO (o *Seminário 5* de Jacques Lacan)^{1□}



[Clique aqui para ampliar](#)

Segunda parte – A Estrutura e seus exilados

Marcus André Vieira

Resumo: Uma introdução ao Seminário 5 de Jacques Lacan. Nesta segunda parte trata-se da teoria da psicose pela forclusão do Nome do Pai e da perversão a partir dos “casos” de Gide e de Mishima.

Palavras-Chave: seminário 5, chiste, formações do inconsciente, Freud

Capítulos IX, X, XII e XIII.

“ (...) “deve haver alguma coisa no princípio desse déficit [relativo a psicose], e que ela não é simplesmente a experiência impressa dos impasses das significações, porém a falta de alguma coisa que funda a própria significação, e que é o significante (...) se trata (...) de alguma coisa que se coloca conferindo autoridade à lei. (...) Com efeito, o que autoriza o texto da lei se basta por estar, ele mesmo, no nível do significante. Trata-se do que chamo Nome-do-pai”(...) (cap. VIII, p. 152)

“(...) uma confusão que provém de as pessoas acreditarem que o que não se articula está mais além, quando não é nada disso: o que está mais além se articula (...) Se existe o inefável, quer no delirante, quer no místico (...) não temos que julgar o que ele articula, ou seja sua fala, a partir daquilo de que ele não pode falar. (...) nunca nos recusamos a apreender o que se demonstra como estrutura numa fala, seja ela qual for, a pretexto de existir o inefável” (cap. VIII, p. 158-9).

“(...) digo que criança se esboça como assujeito. Trata-se de um assujeito porque, a princípio, ela se experimenta e se sente como profundamente assujeitada ao capricho daquele de quem depende, mesmo que esse capricho seja um capricho articulado” (cap. X, p. 195).

“Foi através da análise dessa fantasia de chicote que Freud realmente fez a perversão entrar em sua verdadeira dialética analítica. Ela não aparece como a manifestação pura e simples de uma pulsão, mas revela estar ligada a um contexto dialético tão sutil, tão composto, tão rico de compromissos e tão ambíguo quanto o de uma neurose” (cap. XII, p. 239).

“Falei, da última vez, do sapato e do chicote – e não podemos ligá-los a uma pura e simples economia biológica do instinto. (...) Esses elementos instrumentais são isolados de uma forma (...) apropriada para sublinhar a necessidade de admiti-lo (...) como um elemento significante da perversão” (cap. XIII, p. 243).

“(...) a identificação terminal que constitui sua solução [término do complexo de Édipo] (...) Não estou dizendo que desde logo e imediatamente ele seja um pequeno macho, mas ele pode tornar-se alguém, já está com seus títulos de propriedade no bolso” (...) (cap. IX, p. 176)

^{1□} Quero agradecer a Clara Huber Peed pela transcrição inteligente e anotações, a Antônio Teixeira pelas indicações fundamentais quanto à arbitrariedade do nome-do-pai, às Jornadas de Minas sobre as psicoses e, é claro, aos participantes do seminário neste ano na EBP-RJ.

“(...) o desfecho do complexo de Édipo (...) é diferente na mulher. Para ela, com efeito, essa terceira etapa (...) é muito mais simples. Ela não tem de fazer essa identificação nem guardar esse título de direito à virilidade. Ela, a mulher, sabe onde ele está, sabe onde deve ir buscá-lo, o que é do lado do pai, e vai em direção àquele que o tem” (cap. X, p. 202).

Na segunda parte e terceira partes do seminário V, cuja leitura empreendemos neste texto, os temas apresentados por Lacan tornam-se cada vez mais abrangentes. Generalizam-se tão rapidamente e extensamente que conduzem o leitor a buscar uma sistematização freqüentemente apressada, quando não pretensiosa. Sendo assim, organizei apenas algumas idéias, em seis tópicos, a partir da transcrição de alguns dos meus seminários.

- I - As palavras de ordem e o significante mestre.
- II. O segundo tempo do Édipo e o Nome do Pai
- III. Psicose e realidade
- IV. Foraclusão localizada e foraclusão generalizada
- V. O terceiro tempo do Édipo e o Ideal do eu.
- VI. Homossexualismo e chicote

I - As palavras de ordem e o significante mestre.

Começaremos desenvolvendo este tema com auxílio de Slavoj Zizek:

Tenho aversão ao uso comum de partilhar o mesmo prato em restaurantes chineses. Tive até direito a uma interpretação selvagem por parte de um amigo. Ele afirmou que isto é sinal de um grande medo da promiscuidade que se insinua ao compartilharmos um prato, medo de dividir o corpo com alguém. Tive vontade de retorquir então que partilhar meu corpo com outros não é nada. O grande horror é dividir pratos em restaurantes chineses. Já vi muita gente boa começar dividindo seu corpo em um inocente bacanal e terminar neste horror de dividir pratos em restaurantes chineses.²

O que parece ser uma brincadeira deve ser levado a sério: no nível semântico da linguagem, qualquer conteúdo pode ser invertido em seu oposto. Os “efeitos de verdade” que essas inversões estabelecem não se encontram nos conteúdos. Paradoxalmente, quase toda inversão produz um “efeito de verdade”. Zizek, mais uma vez nos ajuda a expressar esse efeito de “profundidade” da inversão; vejamos:

Suponhamos que, numa reunião política ou numa conferência acadêmica, esperem que profiramos alguma reflexão profunda sobre a triste situação dos sem-teto de nossas grandes cidades,

² S. Zizek, *Enjoy your symptom*, p. 5

embora não tenhamos a menor idéia de seus problemas reais; a maneira de salvar as aparências é produzir o efeito de ‘profundidade’ através de uma inversão puramente formal. Hoje em dia ouvimos e lemos muito sobre a triste situação dos sem-teto de nossas cidades, sobre suas dificuldades e seu sofrimento. Mas, talvez esse sofrimento, por mais deplorável que seja, constitua apenas, em última instância, o sinal de um sofrimento muito mais profundo de que o homem moderno já não tem um lar adequado, de que ele é cada vez mais, um estranho em seu próprio mundo. Mesmo que construíssemos um número suficiente de novas habitações para abrigar todas as pessoas sem teto, o verdadeiro sofrimento talvez fosse ainda maior. A essência do desabrigo é o desabrigo da própria essência; reside no fato de que, em nosso mundo desarticulado pela busca frenética de prazeres vazios, não há lar, não há morada apropriada para a dimensão realmente essencial do homem.³

Podemos encontrar também, na poesia de um dos maiores representantes da música popular brasileira, a utilização deste efeito: “antes o mundo era pequeno, porque a Terra era grande, hoje o mundo é muito grande porque Terra é pequena; do tamanho da antena parabólicamará ...” Vemos que com estas palavras, Gilberto Gil articula a antinomia distância/proximidade para indicar o paradoxo que traduzimos da seguinte forma: embora os avanços tecnológicos possam ter promovido uma redução brutal das distâncias métricas, continuamos tão distantemente próximos dos nossos como antes, senão mais distantes.

O jogo de inversão formal, expresso por estes dois autores, é ilustrativo da idéia de que a “verdade” não está em nenhuma representação, a qual teria um determinado lastro de realidade porque corresponderia à exatidão dos fatos ou dos entes. Introduce-se neste ponto de quase desrealização a idéia de que se faz necessária “alguma coisa” que sustente os efeitos de verdade/profundidade. Assim, no exemplo de Zizek, podemos inverter o julgamento sobre a situação atual com relação à moradia, mas mantém-se intocada a noção de “lar” como algo absolutamente necessário ao ser humano. Desta forma, nestes dois exemplos acima mencionados, os termos “lar” e “intimidade”, respectivamente, ocupam o lugar de “alguma coisa” que vem garantir a significação e que em si mesmo não é questionada.

Ora, a experiência analítica evidencia de forma maximizada essa estrutura errática da linguagem, em que não há realidade factual que garanta a veracidade dos fatos e, a partir disso, suas significações. Para que se dê existência às representações é preciso a presença de um elemento que estabeleça a natureza da ordem da linguagem. Em outras palavras, a novidade que emerge com Freud se concentra na idéia de que o elemento ordenador da linguagem não pode ser exterior a própria ordem da linguagem – senão teríamos que considerar a “verdade” como sendo a adequação entre a “coisa” e sua representação.⁴

³ S. Zizek. *Um mapa da ideologia*. p. 6

⁴ Basta abrir as *Investigações filosóficas* de Wittgenstein, para uma demonstração precisa da inviabilidade desta concepção de linguagem.

Lacan resume esta estrutura da linguagem no Seminário V, alertando-nos para a confusão que pode ocorrer em razão “de as pessoas acreditarem que o que não se articula está mais além, quando não é nada disso; o que está mais além se articula” (p.158). Portanto, no lugar de se buscar o lastro de verdade do discurso no aquém ou além do significante (afeto, fantasias arcaicas, Idéias platônicas, etc), deve-se permanecer no plano do significante para buscar entender como se insere este “mais além” a partir do próprio significante e não como uma ordem outra, independente e determinante. Assim, deve haver algo que, como diz Lacan, no texto da lei, autoriza a lei. (p. 152). Eis porque podemos pensar em um significante que, sem deixar de sê-lo, é garantia da significação. Só assim teremos hierarquia de sentidos com relação à verdade.

Dito de outra forma: partimos da premissa de que para qualquer sujeito, inicialmente, o Outro não está escorado em nenhum referente. E, se não há uma conexão originária entre o significante, o significado e o referente, é preciso estabelecê-la, construí-la. Um significante arbitrário fornece a organização, a lei para os outros. Para desempenhar essa função, ele se sustenta como um significante que não remete a nenhum outro, logo, um significante que não significa nada, não necessitando referir-se a nenhum sentido concreto especial.⁵ Este significante que não precisa fornecer razões para sua existência, Lacan o chama de Nome-do-pai. Trata-se, para Lacan, de uma função que aparece por meio de uma operação que ele chama de metáfora paterna. Essa função fundamental garante a possibilidade da significação por instituir um lugar vazio.

Esse lugar vazio pode ser situado no nível fundamental da constituição do sujeito, e também, como vimos, no nível mais corriqueiro do discurso comum. Neste último, o Nome-do-pai é todo significante que, em uma dada constelação discursiva, pára, interrompe ou fornece um “ponto de basta” para o deslocamento metonímico do discurso ao interromper a busca de uma causa ou verdade primeira. Nessa perspectiva, vários significantes poderiam ocupar a função de Nome-do-pai. Por exemplo, para a psicanálise, Lacan afirma a trilogia RSI como nomes-do-pai, pois os três registros têm valor axiomático, fundamental para a experiência. Ocorre o mesmo com as palavras de ordem: liberdade, igualdade, fraternidade, por exemplo. Indica-se aí que a linguagem compreende uma função através da qual é preciso que um significante não tenha que dar garantias de sua existência de modo a iniciar a representação de um sujeito para outros significantes.⁶ É o caso ainda dos “significantes-mestres” de um

⁵ Vimos nos nossos encontros anteriores que a partir da formulação da horda primitiva é possível verificar como a fundação da fraternidade e da significação são homólogas e franqueadas pelo elemento que chamamos com Lacan de *ex-nihilo*.

⁶ No Seminário 22, inédito, Lacan relaciona os nomes-do-pai aos três registros Real, Imaginário e Simbólico de valor axiomático fundamental.

sujeito que regem sua história, produzindo efeitos de profundidade no discurso sem, entretanto, se confundirem com aquilo que instaura a possibilidade desse efeito; o próprio significante Nome-do-Pai. Podemos dizer então que Lacan radicalizou a função das palavras de ordem ao conceitualizar o significante Nome-do-pai como uma primeira palavra de ordem fundamental.

A psicose demonstra como a função Nome-do-pai pode ser estabelecida por meios diferentes que não através do significante Nome-do-pai. Na psicose recusa-se, rechaça-se aquele significante que viria estabilizar o sistema por não precisar dar razões de sua existência. Trata-se, portanto, de uma recusa em submeter-se à arbitrariedade em jogo na linguagem, em que um significante qualquer (S_q) pode ocupar a posição de significante mestre (S_1).

II. O segundo tempo do Édipo e o Nome do Pai

Façamos uma pequena “dramatização” deste momento. Podemos supor que em um dado momento da existência da criança, sua mãe, que já presentificou a polaridade básica do significante (presença-ausência) através de seu próprio movimento de ir e vir, diz para seu filho “espere um pouquinho que vou lá na cozinha fazer um bolo de chocolate”. Neste “bolo de chocolate” poderia vir a se introduzir a função do Nome do pai. Com isto tento contribuir para desimaginarizar o Édipo, pois o bolo de chocolate evidentemente nada tem de um pai, ele é uma pura contingência, uma primeira palavra de ordem que, situando o desejo da mãe, separa a mãe e a criança. Da mesma forma, o termo “mãe” não deve ser entendido como correspondendo necessariamente a alguma realidade material: é o “recorte significante” que situa uma posição fundamental do Outro, anterior ao sujeito e imaginariamente dotada de consistência e de poder absoluto.⁷ “Pai”, é o o significante que, neste Outro, se destaca dele e passa e furá-lo, barrá-lo, torná-lo inconsistente.

Isso ocorre desde que a criança consinta que “bolo de chocolate” seja o nome do desejo da mãe, sem nenhum sentido em si.⁸ Esta é a direção que Lacan demarca, na fórmula da metáfora paterna, para a “escolha” da neurose que nós dá também a vantagem de fazer a ênfase incidir no sujeito em detrimento da intervenção paterna; fato que introduz o horizonte ético da clínica.

Podemos imaginarizar esse tempo lógico do processo de constituição do sujeito, com fins didáticos, sem necessariamente utilizar Pai e Mãe. Basta supor um estado antes da fala, *infans*, como dirá Lacan na “Questão preliminar...”, ou *assujeito*, assujeitado antes de vir a ser sujeito, como dirá no Seminário V (pg. 195), para descrever a mesma posição. Para este ser primordial, existem significantes soltos, esparsos, com uma significação similar àquela que observamos nos animais

⁷ O termo “mãe” é aqui o stenograma (como diz Milner) do Outro.

⁸ É claro que teremos ainda que estabelecer o paradoxo deste “consentimento”.

domésticos, ou ainda similar àquela que permite aos animais usados em experiências de laboratório identificar um significante que tem apenas função de signo, pois porta um significado inequívoco. Nessa criança – “assujeito” – há portanto uma correspondência entre as palavras e as coisas. Isso até o momento em que uma palavra freqüentemente pronunciada pelo Outro, ou pronunciada com uma ênfase especial (toda questão é delimitar o que é esta ênfase especial) dará nome à ausência deste Outro, isto é, a seu desejo. A criança reconhece-se então ante um significante diferente dos outros, que dispensa significação ou referência.⁹ A partir de então este significante primordial passa a ordenar para a criança (que passa à condição de sujeito) uma cadeia significante e o que era desconexo transforma-se em enredo.¹⁰

Resta lembrar que, uma vez assumida essa função, esse significante não se dará nunca mais como desta primeira vez, pois passa a ter sentido. Assim como a Coisa para sempre perdida, esta palavra estará também perdida em sua realidade material passando a ser um significante entre outros. Isto explica porque os nomes-do-pai, os significantes mestres de uma história, são localizáveis para um sujeito, mas não o Nome do Pai, pura função.

Para melhor situarmos essa operação de instauração do Nome-do-pai é preciso recorrer ao esquema *R* de Lacan e investigar o ponto inicial de ancoragem do sujeito na linguagem, em que a prevalência de um significante permite a constituição da cadeia significante.¹¹

(sugiro acrescentar o esquema R do seminário 5)

Retomando o mesmo momento fundamental ainda de outra forma, podemos dizer que, no âmbito do caos imaginário da mistura mãe-criança, um significante “puro” passa a fornecer um valor significante aos acontecimentos imaginários que até então eram preponderantes. Contudo, só é possível supor uma anterioridade a esses acontecimentos após e a partir da própria “entrada” deste significante em cena. É esta superposição entre os acontecimentos e seus nomes que permite que o sujeito fale e se insira em um discurso. É apenas na articulação entre um significante puro, sem sentido em si, e uma imagem pura, sem valor em si, que se cria o campo do sentido e, por consequência, da realidade. Com o estabelecimento do campo da realidade, como

⁹ Toda a dialética do reconhecimento do desejo elaborada por Lacan nos primeiros anos de seu ensino se introduz neste ponto.

¹⁰ Para Descartes, por exemplo, já que tudo é duvidoso, é preciso encontrar um elemento que garanta que as coisas são, que garanta uma ordem no Outro. Esta garantia, para nós, não tem valor ontológico.

¹¹ Se essa operação se dá, podemos nos deslocar nos termos do grafo do desejo e do esquema L. O grafo do desejo dará conta dos efeitos da metáfora paterna, de seu funcionamento e de seu desfuncionamento na neurose e na psicose.

demarcado no esquema *R*, tanto o significante puro (NDP ou S1) quanto a pura imagem da boa forma, o sentido puro imaginário, que lhe corresponde (-phi) estarão inacessíveis no plano da significação. É isso que os vértices (P) e (-phi) do quadrilátero do esquema *R* figuram. Trata-se de pontos que se situam fora de acesso, porque estão fora da realidade constituída pela articulação superposta de (m - i) e (M - I) .

III. Psicose e realidade

A constituição da realidade pode assim ser apresentada como um encadeamento lógico. Começamos com as imagens, as quais podemos supor alguma relação com o real mas não um sentido em si. Sobre estas se estabelece o simbólico e então, a partir desta superposição (como figura o esquema *R*), ou enlaçamento (como figura o nó borromeu) articulam-se os registros Real, Imaginário e Simbólico montando o mundo. Essa é a razão do esquema *R* ser constituído por triângulos, uns sobre os outros. O triângulo constituído pelos vértices Pai – criança – mãe e o triângulo formado com os pontos phi – m – i não são inicialmente triângulos: é a superposição destes pontos em triângulos que delimita lugares e posições, fixando o primeiro triângulo de modo tal que o vértice mãe e o vértice criança estejam separados a uma certa distância. Isso nos permite perceber que o significante inicialmente não tem em si mesmo uma virtude separadora; ele é caótico. É preciso que, desse caos se destaque um significante que, ao afirmar-se arbitrariamente sem remeter a nenhum outro, ancore todos os outros significantes no campo do imaginário. Ao mesmo tempo, esta operação ordena o próprio imaginário, campo violento e sem limites se não fôra a intervenção do simbólico.

Concebemos, portanto, o campo da realidade como uma sobreposição do campo simbólico no campo imaginário. É preciso, ainda, localizar o campo do real. É isso o que fará Lacan na famosa nota da “Questão preliminar...”, ao esclarecer que o quadrilátero central do esquema é uma banda de Moebius.¹² Assim, Simbólico e Imaginário têm uma articulação moebiana que faz com que a realidade se constitua como um mundo onde o interior se comunica com o exterior, ponto de ancoragem do real. A questão é que essa comunicação encontra-se oculta. A realidade, tal como na banda de Moebius não possui uma separação estrutural entre dentro e fora, eu e Outro, e sim uma separação construída pelo Nome do Pai. Por isso, vivemos neuróticamente em um mundo aparentemente esférico. A questão do psicótico é justamente que a realidade para ele não é moebiana. Os furos que permitem o deslizamento de um significante para outro são recusados, de modo que a realidade, de tão esférica e compacta, sempre ameaça ruir, desabar. O sujeito fica sempre com a tarefa de re-amarrar concretamente e continuamente a realidade com sua ação (de chefe

¹² Lacan, Jacques. “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. Em: *Escritos*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998, p. 559 e 560

extremamente meticuloso, por ex.) ou com o delírio. Já a realidade do neurótico é vazada, a verdade escapa, o que lhe dá uma certa mobilidade.

A idéia importante que nos servirá para desenvolvermos este item é a de que a primazia do falo já está instaurada no mundo. Para a mãe, para o Outro, o falo é operante, incarnando a significação fundamental da vida e a existência do signo, do discurso, da lei. Por isso a criança, mesmo antes da metáfora paterna já está em relação, mesmo que indireta, com o falo. De saída, portanto, tem-se o triângulo mãe, criança, falo. Pois, há a significação fálica para a mãe, que coloca seu filho neste lugar, de modo que a criança é incluída desde logo na linguagem. Entretanto, esta inclusão não comporta, neste primeiro tempo, que o falo esteja operando a significação para este sujeito (“assujeito”) do mesmo modo como opera para a mãe.

Do lado da criança, o que está em jogo é uma imagem fundamental da mãe e a questão de ser ou não o que completaria essa imagem. Ela inicialmente oscila entre ser e não ser o falo para a mãe, entre ser e não ser o objeto do desejo para ela, identificando-se especularmente a esse objeto. Num segundo tempo, entra em cena um pai privador, situando que a mãe não tem o falo e estabelecendo que o objeto de seu desejo está em um outro lugar. No exemplo que forneci do bolo de chocolate, este operaria esta função separadora – aquilo que, como Lei, impede a mãe de completar-se, de re-ingerir seu produto, segundo Lacan. Só que o poder privador dessa Lei emanará de sua aceitação por parte do sujeito.

Portanto, a questão principal é indicar, indo o mais longe possível no esvaziamento do imaginário, que a formalização lacaniana do Édipo indica que a lei não depende de alguém dizer não, mas depende estruturalmente da introdução de uma função, de um significante puro que garante a privação da Coisa. A mãe precisa inserir em seu discurso, a partir de sua posição na estrutura, o significante que não precisa dar razões de existência, para que então a criança possa aceitá-lo. Este significante pode vir da boca de um outro, mas terá que ser enunciado do lugar da mãe. Separados mãe e filho, abre-se o caminho para a operação da metáfora paterna e do terceiro tempo de saída do Édipo. Nesta última etapa, o pai deverá dar provas de que tem o falo, posto que no momento anterior (segundo tempo do Édipo) ele apontou-o como estando fora da mãe.¹³

IV. Foraclusão localizada e foraclusão generalizada

Habitualmente dizemos que falta, na psicose, o Nome-do-pai. Como vimos, o termo Nome-do-pai corresponde apenas em parte a um significante. Pode-se pensar o Nome-do-pai, pondo-se a ênfase tanto em sua face de função quanto na de significante.

¹³ Os homossexuais, os perversos, encontram dificuldades neste terceiro tempo. Os psicóticos teriam problemas já no segundo.

Como significante, o Nome-do-pai serve para fundar o fato de existir a Lei, para articular o complexo de Édipo e para significar que no interior do significante, um significante especial existe, o que ao mesmo tempo o situa em um ponto impossível de ser atingido. Já a função do Nome-do-pai não é delimitável na ordem do sentido, mas instaura e garante o sentido. O Nome-do-pai é portanto tanto uma função que instaura e garante o sentido, quanto é ele mesmo um significante que ocupa o lugar do mestre fiador da ordem e do sentido.

Em outras palavras, qualquer significante pode desempenhar a função de organizador de um campo fantasmático, de sentidos, não precisando referir-se a nenhum significante anterior. Mas, quando isso ocorre trata-se de um significante especial, que independe do registro do sentido, prevalecendo sua função de remeter um sujeito a outros significantes.

Seguindo as duas vertentes: a de um viés significável do Nome-do-pai e a de uma função significante Nome-do-pai, pode-se opor, bem esquematicamente é verdade, a foraclusão pensada como a operação que marca a exclusão de um significante que “sai” da cadeia em circunstâncias específicas (foraclusão localizada) à foraclusão como exclusão fundamental de uma função, algo (um significante fundamental, um resto, etc) que estabelece a própria possibilidade de discurso (foraclusão generalizada). No primeiro caso, a exclusão desorganiza o Outro, no segundo ela o organiza.

Na foraclusão localizada, o significante que faz a função de Nome-do-pai na cadeia é foracluído e retorna na realidade sob a forma de alucinação. Trata-se do significante que garante o campo semântico (como tratado por Lacan no Seminário III), que retorna no real como alucinação. Esta maneira de conceber o NDP dá a entender que seria possível determinar o sentido desse significante foracluído, responsável pela desestruturação do simbólico para um sujeito (“porca”, por ex.). A cadeia está lá, só que com uma falha.¹⁴ Entendo que essa idéia é difícil de sustentar até o fim, pois, rigorosamente, deveríamos supor um significante preciso que faltaria na trama de significação, fato que implicaria na possibilidade de, pelo menos em princípio, poder indicar para um sujeito dado qual significante faltaria, indicando-se assim qual é o sentido do significante foracluído. Não é possível definir totalmente o sentido do significante foracluído na psicose, pois, se assim fosse, segundo o exemplo escolhido, bastaria evitar porcos, chiqueiros e salsicharias. Apesar deste modo de leitura do seminário III compor uma indicação clínica preciosa, podemos perceber que sua universalização conceitual pode ser muito perigosa – o lacanismo é combatido, por exemplo pelos neo-pragmáticos, a partir desta leitura generalizante de uma teoria da

¹⁴ No nosso exemplo do “bolo de chocolate”, este ficaria faltando na cadeia do sujeito, de modo que o mundo se desintegraria quando o lugar de sujeito fosse posto em questão.

foraclusão e da psicose, que não está sistematizada em Lacan mas sim em alguns de seus comentadores.

Resumindo, tentei articular a dupla vertente da foraclusão da seguinte forma: há um operador no âmbito da metáfora paterna que dá conta da nomeação do desejo da mãe por meio de um significante: o Nome-do-pai. Ele é, ao mesmo tempo, significante puro e significante de remissão. Ele é um significante qualquer que adquire uma função fundamental. A partir dessa função fundamental, organiza-se a bateria significante e, feito isto, aquele significante primeiro pode revestir-se dos sentidos comuns. A mãe forneceu vários S_1 que, para o sujeito, não se referiam a nada. O sujeito é assujeitado aos significantes do Outro, até que é eleito um destes significantes para desempenhar a função de Nome-do-pai e organizar a remissão. Um significante serve então de referente aos outros a partir do momento em que o sujeito aceite um significante que, do lugar do inquestionável, remeta a outros significantes.

A questão da foraclusão generalizada, então, fica da seguinte maneira: para algo ser foracluído, é preciso que este algo apresente alguma concretude. Entretanto, não se trata da concretude de sentido de um axioma, em cujo caso se trataria de um “axioma antes do axioma”.¹⁵ Este significante deve significar que o Outro está ordenado e, ao mesmo tempo, não deve significar nada em especial. Dito de outro modo, um significante pode ser foracluído em sua função local de sentido, de remissão, ou, por outro lado, em sua função geral de significante puro, de ordenador. Desta forma poderíamos propor que há *Bejahung/Ausstossung* fundamental que, com fins de compreensão mais que por rigor, chamaremos de foraclusão generalizada. Teríamos então uma *Bejahung* fundamental que pode ser a operação de assunção, pelo sujeito, do significante que não significa nada, por meio da operação do Nome-do-pai. O psicótico também passa por uma *Bejahung*, como qualquer ser de linguagem, mas quando ele necessita referir-se às insígnias do pai para se sustentar no desejo, ele não pode fazê-lo. Há, portanto, a função significante em operação, o que implica em uma castração generalizada e um problema “localizado” na representação de um sujeito para outros significantes.¹⁶ A *Bejahung* pode ser um “grande sim”, depois do qual, superpõe-se um sim ou um não, e desse modo, neurose e psicose se aproximam bastante. Isso é bem diferente da perspectiva segundo a qual neurose e psicose são estruturalmente diferentes, o que pode levar a uma concepção “deficitária” da psicose. A foraclusão é generalizada no sentido em que todos estamos sujeitos à linguagem como um caos originalmente. Melhor seria falar de uma “foraclusão fundamental” ou

¹⁵ Com Aristóteles, vemos que a série das causas é infinita, sendo portanto necessário postular uma causa primeira; arbitrá-la como axiomática. O significante mestre é a função que permite o axioma.

¹⁶ Apenas para fins de sistematização, chamaremos de foraclusão ou *Verwerfung*. Os três caminhos excludentes, estabelecidos por muitos e não por Lacan, a partir do Seminário 3, *Verwerfung*, *Verleugnung*, *Verneigung/Verdrängung*, ficam assim para uma outra articulação.

de uma “teoria de caos fundamental”. O que se opera a partir disso são respostas do sujeito – neurose, psicose ou perversão.

Se na origem há “a grande bagunça significante”, a questão para o ser falante é como ele não permanece psicótico. O movimento é de aceitação do significante fora da cadeia e depois da organização da cadeia significante pelo Nome-do-pai e pela significação fálica, de modo que, a cadeia significante será mais ou menos compartilhável.

Acredito que não se deva escolher entre um e outro caminho. Pelo contrário, é necessário manter as duas teorizações em mente – da forclusão generalizada e da forclusão local – para que se perceba tanto as afinidades estruturais quanto as diferenças entre neurose e psicose.

V. O terceiro tempo do Édipo e o Ideal do eu.

A regra do significante é a remissão a outros significantes; logo, o significante alvo da remissão fornece sentido ao anterior. No início deste processo estará o “primeiro significante da remissão”, o Nome-do-pai. A partir da aceitação de um significante como S_1 há a primeira remissão a um S_2 que, por sua vez, também tem caráter fundamental, dado que fornece o primeiro sentido àquele que, originalmente não tinha sentido algum.¹⁷ Há então o Nome-do-pai, o seu sentido e aí sim, um S_2 que será, como todos os outros, um significante capaz de remissão. Precisamos entender melhor esta articulação $S_1 - S_2$ enquanto representada, no Seminário V, pela articulação entre Nome-do-pai e falo.

Como dissemos, no segundo tempo do Édipo, o Nome-do-pai constitui o mundo, mas falta ainda algo para que o mundo se dê como tal. Como ilustração cito as palavras de Nietzsche.¹⁸ “(...) todas as coisas foram batizadas na fonte da eternidade e além do bem e do mal; mas os próprios bem e mal são apenas sombras interpostas e húmidas tribulações e nuvens passageiras” (p.173). “ (...) Profundo é o mundo – e mais profundo do que pensa o dia” (p. 174). Podemos deduzir que o indicado, nessas belas palavras Nietzsche, para um “além do bem e do mal” que sustenta o firmamento é análogo ao Nome-do-pai. Mas, ainda se está no escuro. Há apenas a iminência de um mundo. Agora que já existe a ordem do mundo, falta fazer o mundo, materializá-lo. Quanto a este aspecto, Valéry nos ajudará:¹⁹

“Sol, sol!... ilusório arquiteto!
Tu, sol, que mascaras a morte,

¹⁷ Na verdade é preciso fixar este primeiro significante como S_0 (significante zero), já que ele se perde, e o segundo significante é que seria o S_1 .

¹⁸ Nietzsche F. *Assim falou Zarathustra*. Editora Bertrand. Rio de Janeiro, 1989.

¹⁹ Valéry, Paul, “Esboço de uma serpente”, *A serpente e o pensar*, São Paulo, Brasiliense, 1984.

sob o azul e o ouro de um teto
 onde as flores têm sua corte;
 No arco íris das tuas cores,
 tu, traidor dos traidores,
 dos meus laços o mais perfeito,
 poupas a pena de saber
 que o mundo é apenas um defeito
 ante a pureza do não ser!.

Grande sol, tu, que a luz descerras
 ao ser, de fogos o iluminas,
 tu, que no sono ameno o encerras,
 a falsa tinta das campinas,
 causador de fantasmas fugazes
 que prendem aos olhos falazes,
 a presença obscura da alma.
 A mentira é minha parceira,
 que espalhas pela terra inteira,
 Rei das sombras feito de flama!”

Podemos perceber nesses versos a idéia de algo que se ilumina e ilumina todas as outras coisas. Antes do dia nascer, já temos, antes das possíveis imagens, a garantia que o dia vai nascer, que as imagens virão se organizar. A partir daí, no lusco-fusco do alvorecer, começam a aparecer formas que se misturam e se conectam até que uma certa imagem, vamos supor uma flor, ganha contornos precisos e, a partir dela, todas as outras ganham fixidez.

Proponho então algumas articulações: os versos de Valéry, com a imagem nítida da flor, de um primeiro corpo/objeto discernido no alvorecer, indicam isto que corresponderia a uma primeira significação; podemos articulá-lo ao falo, e o sol à função do Nome-do-pai. Prestemos atenção às flores que são iluminadas pelo sol: com o nascer do dia é a flor que vejo e não o sol. Ela é a primeira imagem, o primeiro corpo, a primeira forma de vida que me garante que há vida. No entanto, a flor desaparece em sua potência originária quando, a partir dela e por oposição, as outras flores se iluminam. Assim se constitui a significação fálica marcada com um menos (- phi). Prestemos atenção agora ao sol: a própria presença da flor remete ao sol que iluminou-a, embora não vejamos o sol. O sol garante a existência da flor como objeto. Do lusco-fusco passa-se ao assentimento, ao Nome-do-pai, à possibilidade de significação: flores, grama, etc. No terceiro tempo do Édipo, a função significativa já está operando; a mãe já está privada de seu objeto. O pai então precisa dar provas de sua possessão fálica para que o filho a assuma.

Se pensarmos o Édipo do ponto de vista do sujeito, poderemos dizer que ele está na posição de ser o falo, inicialmente. Em um segundo tempo, ele oscila entre ser e ter o falo – como a mãe não tem o falo, o filho se volta para o pai em busca do falo que o

complete. Em um terceiro tempo, o pai mostra que tem o falo e o filho consente em, adquirindo os “títulos de propriedade do falo”, adiar a sua posse até que se torne homem. Pois, o que o pai tem são traços, imagens, substitutos que servem como identificação para o sujeito: o pai ao mostrar que tem o falo fornece uma imagem que se tornará um significante. Assim, se forma o Ideal do eu, que nasce da significação fálica. Dito de outro modo, no terceiro tempo são garantidos os “títulos de propriedade do falo”, traços que orientam o sujeito na vida, que constituem as identificações que situam o corpo – se o falo está no bigode, organiza-se um jogo de significações e o corpo se referencia à marca fundamental do bigode. É com isso que se sai do Édipo: sabe-se o que se tem no bolso; um certo saber que prepara o menino para sustentar o falo e a menina para saber onde encontrar o falo. Pode ser dito que o pai mostra imagens que, adquirindo nessa ação o sentido significante, deixam de ser imagens. Nos valendo ainda da poesia de Valéry, podemos dizer que as flores que o pai mostra não podem ser apropriadas pelo filho, mas o transformam em jardineiro, colocam-no no caminho da conquista do falo, em busca do ter sobre um fundo de não ter. Há nas flores uma certa marca que pode organizar todos os outros objetos, mas que apenas aponta o que deve ser buscado como objeto. O Ideal do eu é feito dessas imagens primeiras que ficarão no bolso e que garantirão a lógica do significante, que faz com que haja sempre a dedução de que falta a última insígnia a ser tirada do bolso. Para a mulher, conceber que o pai tem, significa apenas que ela deve “ficar com o pai”. Ela não precisa por no bolso as insígnias do pai. Ela sabe onde encontrar o falo.²⁰

Mas, o que significa que o pai deve dar provas de que tem o falo? É necessário aqui um esforço de formalização, sem o qual corremos o risco de cair num certo psicologismo.²¹ Mostrar o falo quer dizer que o falo deve se apresentar no discurso, ser circunscrito por ele. O objeto que serve ao pai para dar provas da posse do falo, no momento em que é apresentado, desaparece como falo e passa a funcionar como significação. Do falo fundamental que garante toda a significação, o que se dá a ver é

²⁰ Tomando o exemplo do bigode do pai como uma insígnia, este não é a última palavra sobre o que falta a uma mulher. No plano imaginário, cria-se um problema enorme quando se perde essa imagem; quando o bigode é raspado. Para o psicótico, o que falta é a função que a imagem assume de operação, enquanto significante, da estruturação das identificações e do corpo. O falo não está no corpo de ninguém, ele é indicado pelo pai. Não adianta expulsar da cama da mãe, em deixar o filho em seu lugar na cama da mãe; é preciso nomear, apontar onde o falo está – dizer por ex. “olha aí, quando você crescer vai fazer o que o papai faz”

²¹ A mulher, pelo fato de não poder “embolsar” os títulos de propriedade que constituem o ideal do eu, assim como o homossexual, precisa encontrar no homem o ideal do eu, e, a partir daí, o falo. No caso da mulher se superpõem, no homem, o ideal do eu e o falo. Para o homossexual, o ideal do eu está com a mãe.

o pênis. A partir daí, toda significação possível deixará um resto. A realidade para o neurótico comporta seus pontos cegos, sua distância entre o que se procura e o que se encontra.

VI. Homossexualismo e chicote

Caso o pai, no terceiro tempo do Édipo não dê provas de ter o falo, resta ao sujeito retornar à mãe. O Nome-do-pai já fez seus efeitos só que ao invés da significação primeira referir-se ao vazio, a um ponto cego, ela estará referida a um sentido, a um ser, a algo encontrável na mãe. A falta fica sem ancoragem, no ponto que chamamos ponto cego, e a partir daí a Coisa (*das Ding*) não está tão perdida, sendo possível crer num certo acesso ao gozo. Isso esvazia o lugar da lei deixado pela operação do Nome-do-pai, pois o objeto do desejo volta para a posse da mãe. Aí se localiza a questão relativa à homossexualidade.

No caso da homossexualidade masculina Lacan dá exemplos: um pai calado, delegando à mãe a mostração do falo, um pai apaixonado demais, fazendo retornar à mãe o falo. No momento em que o sujeito se endereçou ao pai para saber sobre as insígnias fálicas, o pai não respondeu, não mostrou nada, fazendo o sujeito voltar à mãe que se torna perigosa, pois tende-se a apagar a metáfora paterna já realizada em parte e que garantia uma certa separação mãe-filho. Ao invés de por os títulos no bolso, o sujeito volta a oscilar entre ser e ter o falo. O sujeito vai então procurar o falo na mãe ou no corpo dos outros homens. O homossexual masculino fixa-se então na relação com a mãe e para escapar vai erigir o falo como o fetiche ou buscá-lo compulsivamente como imagem nos outros homens. Há todo um jogo de busca do pênis, para elaborar alguma separação em relação à mãe. A questão é que o falo deve comparecer como ausência – o falo no simbólico é muito mais operante como separador – pois sua “presença” confirmada em algum lugar requer do sujeito uma imensa e constante quantidade de trabalho para mantê-lo neste plano. Isso explica a compulsão de ver o falo ereto do homossexual. Neste ponto, pode se introduzir a perversão.

Na perversão, o sujeito se vale do recurso a um elemento significante qualquer o qual imaginariza, (por ex., um chicote); por meio deste, opera tanto a sua separação em relação ao Outro quanto intermedia um gozo que pretende denegar a lei. O perverso, portanto, não está fora do Nome-do-pai, ao contrário, a erotização da morte (em vários rituais) serve, repetidamente, como suporte desta operação.

Se todo ser falante passa pelo Nome-do-pai, pode-se afirmar que a forclusão é generalizada – todos estamos assujeitados ao significante. Mas, a questão que se coloca logo em seguida a essa afirmação é relativa ao lugar das insígnias. O perverso se volta para a mãe e elege um objeto bem concreto que, ao mesmo tempo, separa-o e opera uma mediação entre ele e sua mãe, fixando um certo gozo desta relação – o chicote é o elemento significante imaginarizado que estabelece a relação entre quem bate e quem apanha, assim como, o sapato é uma marca significante que estabelece, a partir de um

objeto concreto, destacado do sujeito, uma relação ao outro. Assim, no perverso a força da ação que o põe de “posse do falo”, apaga a noção de lei e autoridade e, por isso mesmo, introduz o gozo – o chicote aqui está bem concretamente na mão.

Na neurose, o significante não aparece na concretude separado do sujeito, ele está, como dissemos, “no bolso”. O falo está guardado ou está “em outro lugar” e o sujeito tem o que buscar, o que temer, o que desejar. Temos então que na neurose o chicote está no bolso. A autoridade se exerce de forma mais eficaz quando não se exerce: o chefe que mais funciona como autoridade é o que menos grita. Uma autoridade é tanto mais forte quanto menos precise demonstrar sua força.

Na psicose, o significante não está nem no bolso nem na mão, ele está solto no ar, sempre ameaçando o sujeito e o mundo de desagregação. O chicote está em toda parte porque está no real; ele insiste, persegue, assombra, mas nunca se materializa a não ser quando erigido imaginariamente pelo delírio no lugar do Outro – em que a mão do Outro pode então açoitar o psicótico sem descanso.